

## Lápis vermelho é de mulherzinha: Desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas

Márcia Gobbi \*

**Resumo:** O presente artigo, resultado da dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp, busca identificar relações de gênero em quatro meninos e quatro meninas, na faixa etária de quatro anos, em sua primeira experiência “discente” em uma escola municipal de educação infantil, no distrito de Pirituba, periferia paulistana. A pesquisa foi realizada durante o período letivo de 1995, tendo como pesquisadora também a professora da turma. Partindo do princípio de que os desenhos são verdadeiros documentos produzidos pelas crianças e que com base neles é possível conhecer muito de sua realidade vivida e perceber as crianças como falantes e criadoras de cultura, pretende conjugar relações de gênero a duas linguagens: desenho e oralidade. Neste trabalho, com o propósito de complementar as falas das crianças e o que estava contido em seus desenhos, foram feitas entrevistas semi dirigidas com seus pais e mães.

**Palavras-chave:** Infância, relações de gênero, educação infantil, desenho infantil

**Abstract:** The current article, result of a master dissertation presented at Faculdade de Educação- Unicamp, seeks to identify gender relationships in the drawings of four boys and four girls in their first experience as “students”, in the four year-old age group, “students” of a municipal pre school, in Pirituba district, a suburb in São Paulo. The research was accomplished during the school term of 1995 the researcher being also the teacher of the group. Assuming from the outset that the drawings are true documents produced by the children and that from them it is possible for us to know a lot of their lived reality, perceiving the children as speakers and creators of culture, this work intends to conjugate gender relationships in two languages: drawing and orality. With the purpose of complementing the children’s speeches and what was contained in their drawings semi driven interviews have been conducted with their parents .

**Descriptors:** Childhood, gender relationships, early childhood education, child drawing

*O estudo minucioso dos desenhos infantis permite em uma certa medida colocar-se no plano das crianças, ver o mundo com seus olhos, aproximar-se pelo menos em parte de sua percepção das coisas;*

---

\* Doutoranda da Faculdade de Educação da Unicamp e professora de educação infantil da Rede Municipal de Educação de São Paulo.

*essa operação requer uma particular flexibilidade e, sobretudo, a capacidade de observar e escutar sem expectativas, para evitar cair na tentação de interpretar com os olhos dos adultos o universo infantil que, por muitos aspectos, ainda nos é estranho.* (Spadoni, 1996)

Desenhos de crianças em idade pré-escolar. Quantos de nós já não vimos vários? Com certeza todos temos algo a dizer sobre eles. Desenhos de sobrinhos, de filhos, de crianças. Enchendo pastas escolares, paredes, talvez outros destinos ... Mas, já paramos para perguntar o que eles dizem e o que seus autores têm a dizer sobre suas produções? Será que é possível, a partir das afirmações dos “pequenos” e de seus desenhos, apontar para mudanças nas relações de gênero e nas relações familiares que estão sendo construídas e mantidas na periferia paulistana e, por que não, entre os brasileiros? Que espaço estão ocupando? Quais pesquisadores do desenho infantil trazem contribuições a essa busca? Essas foram algumas das perguntas que nortearam este trabalho, um estudo de caso desenvolvido em uma escola municipal de educação infantil, no distrito de Pirituba, região noroeste de São Paulo.

#### Leituras de desenhos: alguns olhares<sup>1</sup>



<sup>1</sup> Os desenhos contidos no interior deste artigo foram produzidos originalmente coloridos. Da produção do desenho acima (Fernando, quatro anos), originou o título de minha dissertação. É colorido, havendo o uso do vermelho no desenho do menino e no teto da casa. Ressalto o uso desta cor porque isso resultou em discussão entre Fernando e outro companheiro de mesa, no momento em que o lápis foi utilizado - o que menciono posteriormente.

*Há também uma dificuldade bastante generalizada em aceitar como bons e como sublimes os desenhos das crianças. Apesar destes não ficarem devendo nada às vezes até aos de Rembrant e muitos outros gênios.* (Andrade, 1976, p.132)

A interpretação do desenho infantil é alvo de preocupação de vários estudiosos. Muitos desses estudos, ganhando notoriedade, acabam sendo divulgados e incorporados pelos educadores e, não poucas vezes, são usados de forma a suscitar boas discussões. Neste artigo trago apenas alguns deles, responsáveis pela ampliação de meu olhar e de minha compreensão acerca dos desenhos infantis. Um desses pesquisadores é Victor Lowenfeld, norte-americano, cujo desenvolvimento de estudos bastante divulgados é responsável por influenciar grande parte dos profissionais da Educação. Lowenfeld (1977), ao estabelecer alguns pontos básicos para o desenvolvimento do desenho infantil e sobre como devem se comportar os adultos frente às crianças que estão desenhando, nos faz perceber o reconhecimento da influência do ambiente externo, ou seja, aquele que circunda a criança e no qual se encontra inserida.

Lowenfeld, no entanto, leva-nos a pensar na possibilidade de existência de um desenho totalmente espontâneo, isento de influências do ambiente no qual se vive e daquelas que possam ter sido estimuladas através da socialização que se desenvolve entre crianças, principalmente no espaço escolar. A idéia defendida é a de uma expressão livre da influência dos outros: "A maioria delas [das crianças] se expressa livremente e de forma original, quando não sofre inibição provocada pela interferência dos adultos" (1977, p.21). Embora não descartar totalmente a existência de estímulos externos, estes são dados sob a forma de indagações a respeito do que a criança está produzindo, possibilitando a ela que compreenda melhor certos detalhes, cores, formas, etc.

É importante chamar a atenção para o fato de que Lowenfeld estabelece fases do desenho infantil que podem ser identificadas pelos adultos. A leitura feita corre o risco de vir a desconsiderar certos fatores externos que podem estar influenciando os desenhos das crianças, ou mais ainda, revelando o que e como ela enxerga seu próprio universo. Caminhando para o sentido da percepção desse universo infantil retratado pela criança, mas também fundamentando-se em fases do desenho, o antropólogo francês Luquet (1969), já no início deste século, anuncia a preocupação em considerar os desenhos produzidos em países diferentes, o que, segundo ele, acaba por tornar perceptível a diferença cultural existente. Pelos caminhos anunciados por esse antropólogo, pode-se pensar em uma interpretação dada ao desenho que procure conhecer e compreender a criança como protagonista no universo em que vive.

Mèredieu (1974), francesa e nossa contemporânea, é outra importante estudiosa do desenho infantil, que se aproxima do que foi desenvolvido por Lowenfeld e Luquet quanto à interpretação do desenho de crianças. Considerando o desenho espontâneo infantil e a originalidade que ele contém, destaca uma importante necessidade: a de não compará-lo à arte adulta, apreciação essa que poderia incorrer no risco de considerá-los como fracassos ou treinos para que se chegue aos resultados obtidos pelos adultos. Voltando-se para a prática escolar, mostra sua preocupação com o uso desses desenhos feito pelas(os) professoras(es), que pode resumir-se à mera ilustração de outras disciplinas eleitas como mais importantes.

(...) a comparação dos desenhos na idade pré-escolar e de desenhos realizados depois da entrada na escola permite extrair alguns fatos: a escola impõe a utilização de um repertório de signos gráficos devidamente classificados [flor, árvore, pássaro, casa, etc]. O aparecimento desse gênero acarreta um empobrecimento tanto ao nível de temas,

[incomparavelmente ricos, admiráveis e variados nos desenhos executados em casa], quanto ao nível formal. (Mèredieu, 1974, p. 102)

À afirmação de Mèredieu somo um outro dado: a escola impõe também os estereótipos sexuais e raciais que, com certeza, podem estar sendo retratados em alguns dos desenhos. Gusmão, antropóloga brasileira, pesquisando recentemente desenhos de crianças escolarizadas, mostra como meninos e meninas negras de Campinho da Independência, Rio de Janeiro, estão vivendo e representando os estigmas e estereótipos que lhes são impostos pelo universo branco. Em sua pesquisa (1995), observa que o universo negro via-se absorvido pelo universo branco, sendo que a escola configurava-se como espaço onde as tensões raciais eram vividas. Apesar de a escola impor determinados signos gráficos, é importante a análise que se volta para a compreensão de como estes desenhos estão sendo colocados no papel.

Trilhando caminhos que ao mesmo tempo se somam aos já mencionados e alargam a compreensão a respeito da produção da infância, Iavelberg (1995) procura observar as ações que norteiam o desenhar da criança. Esses atos, segundo essa pesquisadora brasileira, proporcionam ao desenhista encontrar soluções para os problemas que vão surgindo enquanto desenha. Sendo que “a construção do desenho infantil é ao mesmo tempo biológica e cultural” (1995, p. 12), resulta que desde os primeiros desenhos temos um ato individual que compreende atos socializados. A criança nesse caso é ouvida pelo adulto, que procura compreender sua produção e ajudá-la a vencer determinados desafios que vão surgindo ao longo de seu fazer. Preocupação semelhante é expressa por Pilar (1994). Essa brasileira, pesquisadora e professora, chamou-me a atenção por considerar como a criança concebe seu próprio desenho. Ao deixar de ser coadjuvante dentro do processo de produção de desenhos e de sua cultura, tornando-se protagonista, ela poderá ser percebida como principal informante daqueles adultos preocupados em compreender as produções infantis e o mundo vivido pelas crianças segundo suas próprias concepções.

Os estudos que levam em consideração a concomitância das duas linguagens: desenho e oralidade, são ainda um tanto escassos. A brasileira Ferreira, em sua dissertação de mestrado (1996) ressalta a dificuldade da compreensão do desenho infantil sem a fala daquele que o produziu, o que pode levar a uma compreensão falseada.

Nessa perspectiva de trabalhar com desenho infantil e com a fala daqueles que os produziram, ressaltando a importância do desenho como registro social do que é vivenciado pela criança, a Prefeitura Municipal de São Paulo, na gestão da prefeita Luísa Erundina (1989-1992), utilizou os desenhos das crianças freqüentadoras das Emeis com o propósito de saber como elas representavam suas escolas, o que forneceu subsídios para a Secretaria Municipal de Educação elaborar propostas de intervenção a partir do que era desenhado e dito pelas crianças. Entre as professoras, esse processo gerou a necessidade de uma parada e de um *sensível olhar pensante*, como já dizia a pesquisadora Martins (1992). Parar para olhar cada elemento do desenho infantil, ir além da mera decifração de fragmentos, compreendendo o que as crianças queriam dizer, conhecer o contexto no qual estavam inseridas.

Há sessenta anos, o olhar sensível de um poeta voltava sua atenção para os desenhos infantis, e não apenas para eles. Mário de Andrade – entre os anos 1935 e 1938, quando diretor

---

1 Conforme Faria, 1994.

do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo – criou, entre outros programas para crianças e adultos do operariado, os Parques Infantis, e em 1937 promoveu um concurso de desenhos entre as crianças parqueadas e aquelas que frequentavam a Biblioteca Municipal<sup>1</sup>. Embora não estivesse preocupado com a questão de gênero, Andrade estabelece distinção entre os desenhos de meninos e meninas, assim como distingue suas idades e a nacionalidade dos pais. Conforme Faria (1994), o poeta toma os desenhos como forma de expressar o mundo vivido; essa forma de classificá-los denuncia uma preocupação com as influências trazidas pelos desenhistas, e que poderiam estar presentes em suas produções.

Mário de Andrade, no Departamento de Cultura na década de 30 e Luisa Erundina, em sua gestão como prefeita da cidade de São Paulo, têm pontos comuns ao tratarem do desenho infantil. É importante ressaltar na concepção de alguns autores mencionados a visão adultocêntrica que – conforme afirma Roseberg (1976), entre outras coisas, enxerga a criança como se estivesse apenas à espera do crescimento, um vir a ser adulto e que só então poderá ter voz – dá lugar a uma outra visão: a criança com suas especificidades, criadora e criatura da cultura e, portanto, ser histórico, cuja produção também é extremamente valiosa.

### Focando e desenhando o gênero

Os estudos sobre relações de gênero emergiram sobretudo na *década da mulher*, anos 1970. Nesse momento, as lutas pela democracia no Brasil, pelos direitos da mulher, pela queda do custo de vida, pela volta ao estado de direito convergiram, dando forma a um movimento mais amplo que passava a ressoar nos ouvidos da sociedade anunciando a possibilidade de outras formas de comportamento. Os estudos que se constituíram a partir daí tinham características que somavam teoria e a prática militante das brasileiras e se contrapunham a estudos que não davam visibilidade às mulheres, não as consideravam como sujeitos sociais; aliás, assim como as crianças. O conceito de gênero começa a se fazer presente nas pesquisas, ao se colocar em pauta uma importante discussão, que procura discernir entre o que é biológico e o que é cultural no comportamento feminino. Situando-se na esfera do social e das relações estabelecidas em sociedade, esse conceito diferencia-se do significado de sexo. Segundo Saffiotti (1992) cada sexo, que é biológico, escolhe e constrói seu gênero, lançando mão dos termos sociais disponíveis. “Tais indivíduos (homens e mulheres) são transformados, através das relações de gênero, em homens e mulheres. O tornar-se homem e o tornar-se mulher, porém, constituem obra das relações de gênero” (Saffiotti, 1992, p. 187).

Meu levantamento bibliográfico<sup>2</sup> sobre o desenho direcionou-se justamente para o encontro com pesquisadores que colocassem em pauta a questão de gênero e a criança pequena. É importante salientar que, mesmo com a emergência do movimento feminista e dos estudos sobre mulher, não temos um maior aprofundamento, nesta temática, que se volte para crianças pequenas.

Divo Marino inicia em 1954 uma pesquisa em Ribeirão Preto, relatada em seu livro *O Desenho da criança*, para a qual recolhe desenhos de crianças de diferentes idades, escolarizadas ou não, e dentre elas as de quatro e cinco anos. Foi uma surpresa ter

2 Encontra-se ao final do artigo toda bibliografia por mim utilizada com o objetivo de facilitar futuras pesquisas daqueles interessados nesse tema.

encontrado um homem desenvolvendo uma pesquisa cuja temática estivesse aparentemente fora de sua época. Sua pesquisa visava um aprofundamento no campo dos estudos sobre sexualidade infantil e desenho, focalizados sob a ótica da Psicologia – parte da grade curricular do curso Normal, antigo magistério. Dentre os dois mil desenhos recolhidos, encontrou alguns temas que foram recorrentes e aos quais denominou de nacionalismo, futebol, alma feminina. Procurou formar dois grupos: um com desenhos de meninos e outro, com desenhos de meninas. Embora Marino traga em suas análises o olhar próprio da Psicologia, o que apresenta é significativo também quando tentamos compreender o que da cultura vivida e construída por essas crianças está presente em seus desenhos.

A italiana Bellotti (1975), trazendo as cores do movimento feminista da década de setenta, entra na procura das relações de gênero propriamente ditas, embora não utilize esse conceito ao longo de seu trabalho. Utilizando o desenho infantil entre outras formas de expressão da criança, procura distinguir como meninos e meninas estão percebendo e representando as influências sociais recebidas. Percebe que já aparece com clareza um mundo feminino e um mundo masculino. Para essa pesquisadora, nos desenhos das meninas há quase exclusivamente temas ligados à vida familiar cotidiana; quanto aos meninos, afirma que seus desenhos são mais ricos, havendo neles predominância de temas que se relacionam a policiais, ladrões e operários. De vez em quando tematizam uma mãe e seus filhos. Constata nos desenhos das meninas a presença constante da casa, sempre em primeiro plano: as pessoas estão em casa, ou acabam de sair, ou estão regressando ao lar. A mãe encontra-se muitas vezes presente, enquanto o pai aparece mais raramente: (...) “o panorama desses desenhos tem o sabor da crônica fiel dois dias dessas meninas, reguladas pelos costumes familiares, codificados por sua vez pelos hábitos do grupo social em que vivem” (Bellotti, 1975, p. 148).

É possível somar a esta constatação de Bellotti o que Mário de Andrade o fizera há sessenta anos. “Nas primeiras idades (3,4,5 anos) nota-se nas mulheres mais capacidade de representar imagens experimentadas” (*apud* Faria, 1994, p.102).

Será que as meninas desenhistas de Bellotti não teriam vivido experiências que as levassem a produzir desenhos retratando o seu cotidiano, da forma chamada pela pesquisadora de mais pobre em detalhes e que apenas representam o dia-a-dia familiar? A representação das *imagens experimentadas*, como as chamou Andrade, está revelando um cotidiano feminino diferenciado do masculino – que, conforme ressalta Bellotti, raramente está ligado à vida familiar ou traz personagens femininas, descrevendo cenas cujos protagonistas são motoristas de caminhão, policiais, ladrões, pescadores, garimpeiros juntamente com personagens imaginários, tais como príncipes, feiticeiros, fantasmas, etc.

Os estudos de Bellotti e Marino inauguram uma forma de pensar e interpretar os desenhos de meninos e meninas em que se reconhece a influência da cultura nessas produções. Como afirmei logo no início, a criança é concebida como falante e uma informante privilegiada e seus desenhos como registros do social por elas vivido e construído.

Algumas perguntas surgem inevitavelmente, quando comparamos as leituras feitas dos desenhos coletados por Bellotti e Marino. E atualmente, no Brasil, estaríamos diante de uma mulher condicionada a ser submissa, como constatou a italiana em 1975? Qual o

lugar de homens e mulheres nos desenhos e falas de nossos meninos e meninas e nas falas de seus familiares? O que está se impondo nas relações sociais mantidas, tanto entre os adultos como entre as crianças, e o que os desenhos de hoje poderiam nos mostrar?

A mulher e o homem:

O que mostram e falam as crianças em seus desenhos



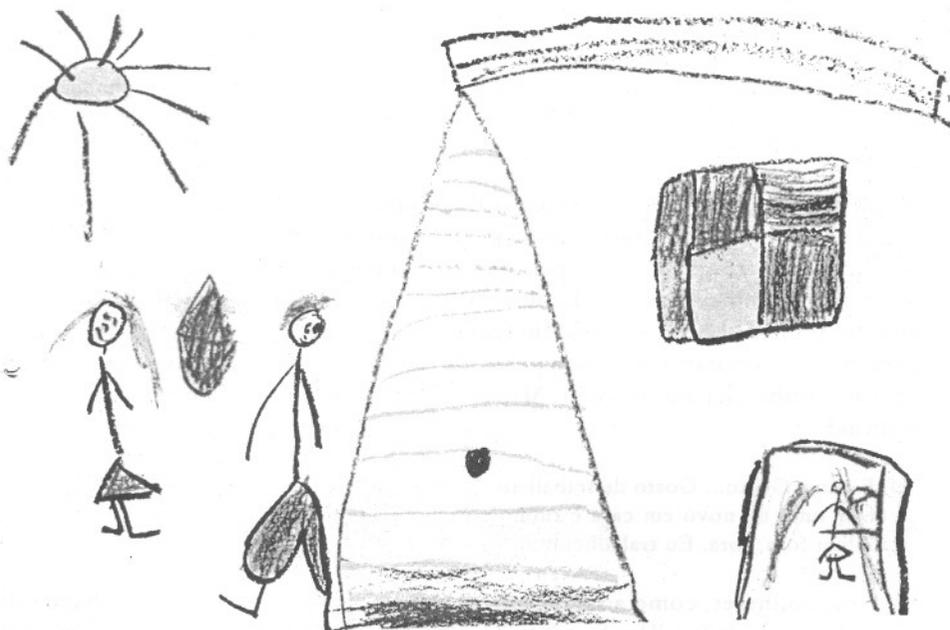
Desenho 1 (Victor)



Desenho 2 (Luís)



Desenho 3 (Aglaupe)



Desenho 4 (Selenice)

A mãe 'tá fazendo comida: qual o lugar da mãe?

O pai 'tá trabalhando: qual o lugar do pai?

Qual o lugar de mães e de pais atualmente, segundo seus filhos e filhas e segundo os próprios adultos? Pergunta aparentemente simples mas que pode revelar-nos alterações nas relações sociais mantidas e o prenúncio de mudanças futuras. A situação econômica, política e afetiva da mulher está sendo alterada. Como já mencionei, isso se deve a mudanças sociais e lutas travadas pelas mulheres no interior de suas próprias casas, nos sindicatos e partidos políticos, nos locais de trabalho, entre outros. E as crianças de Pirituba, como estão percebendo estas mudanças, se também estão ocorrendo nesse distrito?

Em uma prática um tanto corriqueira em algumas escolas de educação infantil – a roda de conversa – e que fora utilizada como parte da metodologia deste trabalho em campo, conversamos sobre casa, sobre seus pais e o que todos faziam em suas casas. A casa mapeia a organização familiar e revela como ela é. O que pude perceber é que desenhar a casa é também desenhar a família. Uma parte privilegiada nos desenhos das crianças – meninas e meninos – foi a cozinha. A presença feminina ocupa este lugar na maior parte dos desenhos. Ao contrário da constatação de Bellotti, para quem apenas meninas desenhavam a mãe e os afazeres domésticos, o que pude perceber é que atualmente tanto meninos como meninas os retratam.

Victor: Minha mãe 'tá fazendo janta p'ro meu pai, 'tá cortando carne.(desenho 1)

Luís: A mãe ia fazer comida, aqui 'tá a panela de arroz, a panela da mãe, dentro tem feijão.(desenho 2)

Selenice: A mãe 'tá lavando prato. (desenho 4)

Aglaupe: Eu 'tô vendo meu pai ir trabalhar e meus tios trabalhando. A minha mãe 'tá dentro de casa cozinhando comida. Só minha mãe. Meu pai só trabalha e dirige carro. (desenho 3)

Victor, um dos meninos sujeitos da pesquisa, afirmando o que sua mãe está fazendo para seu pai, possibilita que se perceba por meio de seu desenho e sua fala, não somente qual o lugar ocupado pela mãe, como também o horário em que o ocupa e um dos hábitos alimentares da família – o que pode ser lido também como hábito de uma determinada camada social. Em entrevista, a mãe de Victor acabou confirmando que a noite é o horário que resta para ficar em casa, e neste momento é ela quem vai para a cozinha preparar o jantar. Mas será que somente à mulher cabem as tarefas domésticas?

D. Fátima: Gosto... Gosto de trabalhar. Mas trabalhar em casa de família e chegar e fazer tudo de novo em casa é ruim hein? Eu trabalhei em casa de família, não trabalhei fora, fora. Eu trabalhei muito.

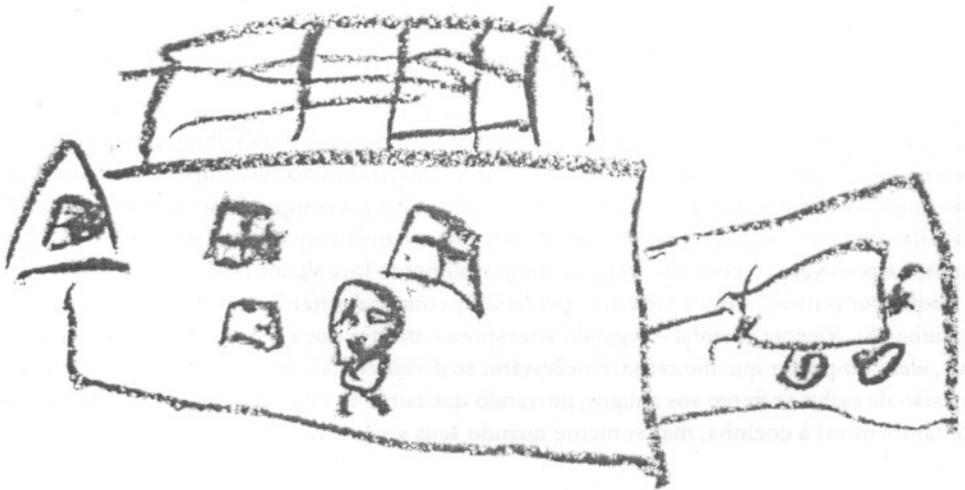
A essas mulheres, como a tantas outras, cabe o que se convencionou chamar de dupla jornada de trabalho. Dupla, tripla. Conjugado o trabalho de fora de casa com o de dentro é tarefa comum à quase totalidade das mães entrevistadas. Pode-se depreender do que foi dito por D. Fátima, mãe de Robson, que é considerado por ela o trabalho

externo aquele que não é semelhante ao desenvolvido em casa. D. Luciana, mãe de Luís, desenvolve raciocínio parecido ao falar de seu emprego. No entanto, para ela, o trabalho fora de casa traz um outro recurso: a possibilidade de conhecer outras pessoas. Nesse caso, especificamente, ele trouxe uma alternativa à rotina doméstica que, segundo D. Luciana, tem como característica positiva o fato de possibilitar o convívio com seus filhos. Conforme Bruschini, (...) “independente do segmento social ao qual [elas] pertencem, o trabalho doméstico é um serviço cansativo, bitolado, rotineiro e repetitivo”(1990, p. 136).

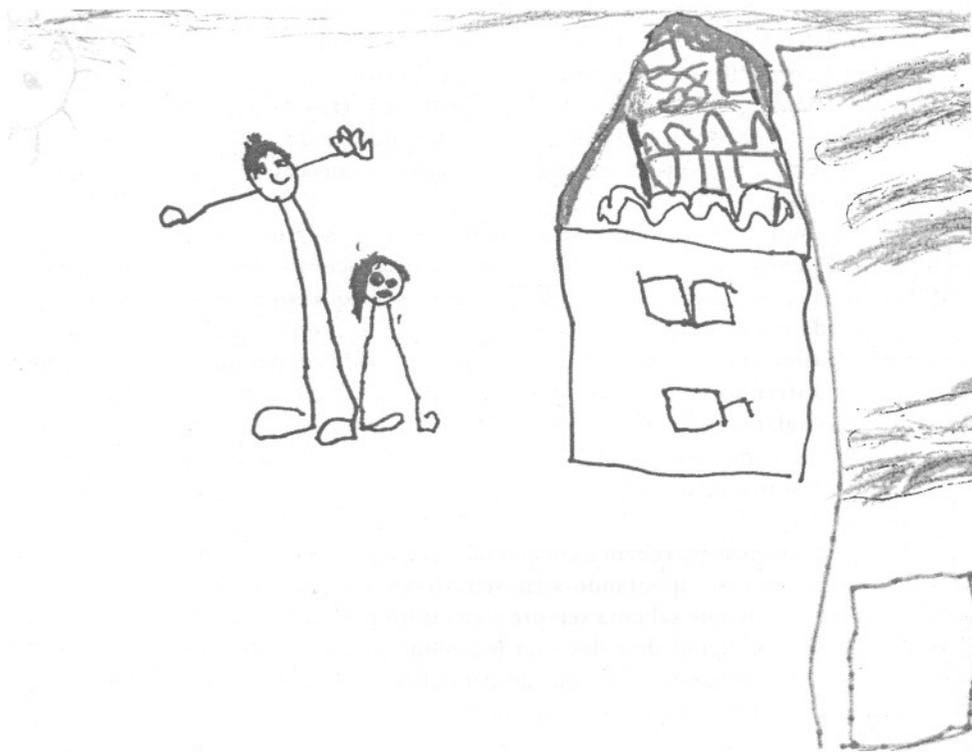
Será que, se D. Fátima dividisse as tarefas domésticas com alguém, esse trabalho se tornaria “menos ruim”, como ela mesmo afirma e como afirma a autora citada? Outras famílias pesquisadas têm hábitos diferenciados quanto à divisão de tarefas?

Dentro da casa, um dos dois papéis centrais é o do pai, chefe da família que, com seu trabalho, traz a comida para casa para que seja preparada. Atualmente esse aspecto vem sofrendo alterações. No caso específico de D. Vilma e Sr. Walter, este último recebe salário inferior ao da esposa, o que não o deixa muito contente, conforme verifiquei com base na entrevista. Mencionei há pouco que esse dia-a-dia vem se alterando. Essas mudanças podem ser percebidas em desenhos e falas de algumas crianças.

Essas duas crianças percebem a concomitância entre os trabalhos domésticos e os desenvolvidos fora de casa, apontando-a em seus desenhos. No caso de Aglaupe, sua mãe afirmou na entrevista que salienta sempre a sua filha a questão do trabalho doméstico. Este para ela possui dignidade e deve ser percebido por todos. Involuntariamente, D. Marisete acaba possibilitando à filha que desnaturalize o trabalho de casa como eminentemente feminino e o perceba como trabalho de fato.



Desenho 5 (Aglaupe)



desenho 6 (Max)

No entanto, ainda que algumas crianças não representem o trabalho doméstico e o de fora de casa, é perceptível que mães e pais estão vivenciando seus relacionamentos com uma preocupação diferenciada: procurando a divisão de tarefas e a compreensão da importância do trabalho feminino, seja ele desenvolvido interna ou externamente à casa. Quanto a alguns homens, foi possível perceber que estão até mesmo lançando fora alguns preconceitos e passando a frequentar outros espaços até então percebidos como prioritariamente femininos, como a cozinha<sup>3</sup>. Sr. Vicente cozinha – segundo sua esposa – melhor que ela própria e afirma acreditar que, além do prazer que lhe causa, é necessário se dividirem tais atividades. Sr. Francisco faz questão de exibir-se frente aos amigos, provando que também sabe cozinhar. Sr. Walter... Bem, ele também vai à cozinha, mas somente quando seus amigos não estão presentes para vê-lo

3 Homens na cozinha. Pensando nessa questão, em 1996 surgiu um slogan: "lugar de homem é na cozinha". Trata-se de uma proposta de emenda ao orçamento da União, apresentada pela então deputada federal Marta Suplicy, para quem só no papel os direitos e deveres dos homens e mulheres são iguais.

ocupando esse outro papel social. Segundo D. Vilma, assim que chega visita ele sai da cozinha, deixando o que estava fazendo para trás. A ajuda dada a sua esposa tende aos afazeres externos à casa: os momentos em que fica com seu filho menor brincando em parques, em que vai a pescarias ou faz compras em supermercados. Alguns outros homens, mais renitentes quanto às tarefas domésticas, afirmam nem sequer saber do que se trata.

Sr. Ademar: Ah... eu num sei dizer. Nem sei o que é isso [trabalho de casa]. Nem sei como é que faz. Nem tenho tempo pr'á essas coisas. A mulher vive lavando roupa. Limpando casa, fazendo comida.

Lembrando que a italiana Bellotti, ao observar os desenhos nos quais apareciam atividades que chamou de masculinas, percebeu que foram feitos por meninos. Ela constatou que a temática escolhida por eles girava em torno de cenas da vida cujos protagonistas são homens. O mesmo não ocorreu entre os meninos desenhistas em Pirituba. Eles não apenas desenhavam homens, mas também suas mães e outras mulheres. No entanto, há uma semelhança entre os brasileiros e os italianos – justamente o fato de desenharem seus pais e outros homens em cenas de ação: “pai trabalhando p'rá ganhá dinheiro” (Robson); “pai consertando o telhado” (Victor); “pai brigando porque o filhinho fazeu bagunça” (Robson); “assistindo televisão” (Victor); “trabalhando na pizzaria” (Max). Entre as meninas, as cenas desenhadas têm temática semelhante. Seus pais e outros homens estão freqüentemente trabalhando e suas mães, em casa: “eu tô vendo meu pai trabalhar e meus tios trabalhando. A minha mãe 'tá dentro de casa cozinhando comida” (Aglaupe); “só minha mãe cozinha, meu pai só trabalha e dirige carro” (Karen).

E as crianças? Estarão ajudando suas mães ou seus pais nos trabalhos domésticos? As mães de Victor e Luís afirmam querer que seus filhos colaborem em casa, ajudando-as. O mesmo afirmado por D. Marisete, mãe de Aglaupe.

D. Luciana: Porque, desde o momento que, desde pequeno, a criança aprenda o chamado fritar um ovo, ela aprende a se virar. Prá que daqui prá frente ele num comece a falar “eu tô cansado”, cansado de quê? Tem mais é que estimular essas atividades.

A afirmação de D. Luciana propõe reflexões: “fritar o ovo”, ainda que seja uma expressão usada no dia-a-dia que significa conhecer coisas básicas, não apenas da cozinha como também da vida, aparece aqui como algo libertador. A cozinha, que ao mesmo tempo oprime, surge como libertadora não para a mulher, mas para o homem. Para ela, a realidade atualmente impõe aos homens desafios que implicam em conhecimentos anteriormente tidos como apenas femininos. Poder-se-ia pensar nos dias de hoje em uma bandeira de luta: “homens, vamos ‘fritar ovos’?” Algo semelhante pode ser observado na fala de D. Vilma. Segundo esta mãe, os filhos meninos são criados para que não saibam *se virar*, sendo atualmente uma responsabilidade da mulher os problemas na formação desses meninos. Nesse caso, ela soma a concepção de que à mulher cabe a criação dos filhos a uma outra, que acena para mudanças deste mesmo comportamento.

## Concluindo

Os desenhos das crianças e suas falas somadas às de seus pais e mães acenaram para algumas mudanças a que estou chamando aqui de transição nas relações mantidas entre homens e mulheres, na concepção que têm das mesmas, na própria construção dos gêneros e das relações entre eles e as crianças. Acredito mesmo que estamos vivendo um período que anuncia alterações no âmbito do relacionamento familiar entre pais e mães e entre estes e seus filhos, acenando também para novas formas de criação de filhos e filhas. Com os desenhos, o que é possível ver e ouvir são mães que, estando em suas casas, cozinham para seus maridos e filhos. Nesse ponto, poder-se-ia pensar na confirmação das afirmações feitas de que o espaço doméstico seja de uso predominantemente feminino ainda hoje, no final da década de 1990. Confesso aliás que, no início do trabalho, fiquei um tanto chocada, pois alguns desenhos e falas acenavam justamente para isso. Será? Foi ao analisar um pouco mais os desenhos das crianças que comeci a refletir sobre a possibilidade da transição, das possíveis mudanças nas relações sociais que saltam aos nossos olhos. Mas, lápis vermelho é de mulherzinha? *Lápis vermelho é de mulherzinha* foi uma afirmação feita enquanto um menino, Fernando, desenhava e utilizava um lápis vermelho para pintar – cor presente no primeiro desenho apresentado neste artigo. Um outro menino o criticava. Tal crítica foi respondida com a resistência, na utilização do lápis sem demonstração de preocupação diante da *brincadeira*: meninos que, talvez até sem perceber, resistem e tornam essas afirmações e tantas outras ultrapassadas.

Não posso, nos limites do estudo de um caso e de uma pesquisa que procurou conjugar duas linguagens – oralidade e desenho infantil – e relações de gênero, apresentar fórmulas. Aliás, nem é essa minha perspectiva. No entanto, não poderia deixar de afirmar que sinto esse prenúncio como positivo: há alterações que, ainda que não passem pelo contexto de reivindicações de rua, caracterizam-se pela mudança de comportamento no interior das casas, nas falas e desejos expressos, sobretudo por mulheres educando meninos. Um começo para novas descobertas, novos estudos que possam surgir. Desenhos de crianças capazes de falar e interpretar suas próprias produções, auxiliando os adultos, num diálogo. Novos documentos a serem pesquisados e a partir dos quais poderemos fazer uma outra leitura do mundo, que possibilitará uma nova descoberta da infância. Quem sabe brevemente o lápis vermelho de mulherzinha, em vez de não ser utilizado pelos meninos, será, ao contrário, disputado por eles? Tomara!

## Referências bibliográficas

- Afonso, L. (1995). Gênero e Processo de Socialização em Creches Comunitárias. *Ca-demos de Pesquisa* n. 93, pp. 12-21.
- Andrade, M. (1975). Do Desenho. *In: Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes Editora, pp. 71-77.
- \_\_\_\_\_. (1976). Da Criança Prodígio I. *In: T. A. Lopes. (org), Táxi e Crônicas do Diário Nacional*. São Paulo: Editora Duas Cidades, pp. 129-34.
- \_\_\_\_\_. (1966). 6ª aula: O primitivo-a criança. *In: Centro De Estudos Brasileiros-GFAU. Depoimentos 2-2*, pp. 67-76.

- André, M. D. A. e Ludke, M. (1986). *Pesquisas em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Anyon, J. (1990). Interseções de gênero e classe: Acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. *Cadernos de Pesquisa* n. 73, pp. 13-25.
- Arfouilloux, J. C. (1976). *A Entrevista com a criança: A abordagem da criança através do diálogo, do brinquedo e do desenho*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Ariès, P. (1978). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Arrazola, L. S.D. (1990). Repensando a pesquisa ação numa perspectiva feminista. *Contexto e Educação*. abril/junho, pp. 71-81.
- BDP- Base de Dados para Planejamento. (1993). *Cadernos Regionais da Administração Regional Pirituba-Jaraguá*.
- Bellotti, E. G. (1975). *Educar para a Submissão*. São Paulo: Editora Vozes.
- Boltansky, L. (1989). *As classes sociais e o corpo*. São Paulo: Editora Graal.
- Bourdieu, P. e Claude Passeron, J. A (1982). *Reprodução, elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Bruschini, C. M. (1990). *Casa e Família, cotidiano das camadas médias paulistanas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora Vértice.
- Bruschini, C. e Costa, A. (orgs). (1992). *Uma Questão de Gênero*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.
- Cardoso, S. (1988). O Olhar dos Viajantes. In: A. Novaes.(org). *O Olhar*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, pp. 347-61.
- Cavalcante, Z. (1995). *Arte na sala de aula*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Correa, M. (1982). Repensando a Família Patriarcal Brasileira. In: *Colcha de Retalhos: Estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, pp. 13-37.
- Costa, A.; Barroso, C. e Sarti, C. (1985). Pesquisa sobre mulher no Brasil, do limbo ao gueto? *Cadernos de Pesquisa* n. 15, pp. 5-15.
- Cox, M. (1995). *Desenho da Criança*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Delamont, S. (1985). *Os Papéis Sexuais e a Escola*. Lisboa: Editora Livros Horizonte.
- Derdyk, E. (1989a). *Formas de pensar o desenho, desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Editora Scipione.
- \_\_\_\_\_. (1989b). *O desenho da figura humana*. São Paulo: Editora Scipione.
- Dicionário Escolar Latim/Português. (1955). Brasília: MEC
- Durham, E. R. A. (1988). Sociedade Vista da Periferia, In: L. Kowarick. (org) *As Lutas Sociais e a Cidade*. São Paulo: Paz e Terra, pp. 169-207.
- Expeleta, J. e Rockwell, E. (1989). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Editora Cortez.
- Faria, A. L. G. (1994a). *O Direito à Infância: Mário de Andrade e os Parques Infantis para as crianças de família operária da cidade de São Paulo (1935-1938)*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (1994b). Impressões Sobre as Creches no Norte da Itália: Bambini si Diventa. In: F. Rosemberg e M. M. Campos.(orgs). *Creches e Pré-Escolas no Hemisfério Norte*. São Paulo: Cortez/ Fundação Carlos Chagas, pp. 211-32.
- Fausto-Neto, A. M. Q. (1982). *Família Operária e Reprodução da Força de Trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Fernandes, F. (1979). *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes.

- Ferreira, S. (1996). *Figuração e Imaginação: Um Estudo da Constituição Social do Desenho Infantil*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Freire, Madalena. (1982). Eu sou menina, você é menino. *Revista Ar't* n. 01, pp. 10-5.
- Giddens, A. (1992). *A Transformação da Intimidade, Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Goodnow, J. (1977). *Desenhos de Crianças*. Lisboa: Moraes Editora.
- Grischi, L.I.C. (1994). Ser Mãe: Produção dele, reprodução dela. In: R. S. Cardoso (org). *É uma mulher*. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 29-53.
- Guattari, F. (1981). *Revolução Molecular: Pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Gusmão, N. M. (1994). Socialização e Recalque: A criança negra no rural. *Cadernos Cedes* n. 32, Campinas, pp. 48-84.
- Iavelberg, R. (1993). *O Desenho Cultivado na Criança*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Kishimoto, T. M. (1995). *Jogos tradicionais infantis: O jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: Vozes.
- Kellogg, R. (1979). *Analisis de la expression del pñescolar*. Madri: Cincel.
- Kowarick, L. (1979). *A Espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Leite, M. I. F. P. (1995). *No campo da linguagem, a linguagem do campo – o que falam de escola e saber as crianças da área rural*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- Levi-Strauss, C. (1970). *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Editora Nacional.
- Lewis, M. D. (1984). *A Sociedade Xavante*. São Paulo: Editora Francisco Alves.
- Lobato, J. B. M. (1994). Negrinha. In: *Urupês*. São Paulo: Brasiliense.
- Lowenfeld, V. (1977). *A Criança e sua Arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Luquet, G. H. (1969). *O Desenho Infantil*. Porto: Editora Civilização.
- MAC-IEB-USP. (1988). *Catálogo Mário de Andrade e a Criança*.
- Macedo, C. C. (1986). *Tempo de Gênese: O povo das comunidades eclesiais de base*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1986). *A Reprodução da Desigualdade*. São Paulo: Edições Vértice.
- Magnani, J. G. C. (1988). *Festa no Pedaço*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Marino, D. (1957). *O Desenho da Criança*. São Paulo: Editora do Brasil.
- Martins, J. S. (1991). Regimar e Seus Amigos. In: J. S. Martins (coord). *O Massacre dos Inocentes, a criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Martins, M. C. (1992a). *Aprendiz da Arte: Trilhas do sensível olhar pensante*. São Paulo: Espaço Pedagógico.
- \_\_\_\_\_. (1992b). *Eu não sei desenhar, implicações no desvelar/ampliar do desenho da adolescência: Uma pesquisa com adolescentes em São Paulo*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mead, M. (1969). *Sexo e temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Mello, G. N. (1975). Os Estereótipos sexuais na escola. *Cadernos de Pesquisa* n. 15, pp. 41-4.
- Mello, T. (1996). *De uma vez por todas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Mèredieu, F. (1974). *O Desenho Infantil*. São Paulo: Cultrix.
- Moraes, M. L. Q. (1994). Infância e Cidadania. *Cadernos de Pesquisa* n. 91, pp. 23-30.

- Moreira, A. A. A. (1984). *O espaço do desenho na educação do educador*. São Paulo: Edições Loyola.
- Nin, A. (1980). *Em busca de um homem sensível*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Ostrower, F. (1978). *Atividades e processos de criação*. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Perrôt, M. (1987). *Os excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra.
- Pilar, A. D. (1994). *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Prefeitura Municipal de São Paulo. (1991). *A visão dos educandos*. Movimento de Reorientação Curricular, n.3.
- \_\_\_\_\_. (1992). *O Poder em São Paulo, História da Administração Pública da Cidade*. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Evolução da Rede Municipal de Ensino*. SME/SP.
- Priore, M. (1991). *História da Criança no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.
- Rago, M. (1987). *Do Cabaré ao lar, a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Rezende, A. L. e Rezende, N. B. (1989). *A Têx e a Criança que te vê*. São Paulo: Editora Cortez.
- Reis, M. C. D. (1993). *Tecituras de destinos, Mulher e Educação. São Paulo 1910/20/30*. São Paulo: Editora Cortez.
- Ricci, T. D. A. (1985). A Rosa não é a Rosa, reflexão sobre a globalidade e multiplicidade da vivência da mulher e a inadequação dos conceitos bipolares. *Cadernos de Pesquisa* n. 54, pp. 73-84.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Rocha, R. (1984). *Procurando Firme*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Rosemberg, F. (1995). A Criação de Filhos Pequenos: tendências e ambigüidades contemporâneas. In: I. Ribeiro, e A. T. Ribeiro (orgs). *Família e processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, pp. 167-90.
- \_\_\_\_\_. (1976). Educação para Quem? *Ciência e Cultura* n. 12. V. 28, pp. 1466-71.
- Sader, E. (1985). *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Saffiotti, H. I. B. (1992). Rearticulando Gênero e Classe Social. In: A. Costa e C. Bruschini (orgs). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, pp. 183-216.
- Sarti, C. A. (1989). Reciprocidade e Hieraquia: Relações de Gênero na Periferia de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa* n. 70, pp. 39-46.
- \_\_\_\_\_. (1996). *A Família como espelho, um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Editora Autores Associados.
- \_\_\_\_\_. (1975). *É Sina Que a Gente Traz, ser mulher na periferia*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Scavone, L. (1985). As Múltiplas Faces da Maternidade. *Cadernos de Pesquisa* n. 53. pp. 37-49.
- Scoth, J. (1990). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade* n. 15, pp. 5-20.

- \_\_\_\_\_. (1992). A História das Mulheres. In: P. Burke, (org). *A História das Mulheres*. São Paulo: Editora da Unesp, pp. 63-96.
- Scott, P. R. (1990). O Homem na Matrifocalidade: Gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. *Cadernos de Pesquisa* n. 73, pp. 39-47.
- Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. (1986). A criança vê Segall. *Caderno do Serviço Educativo Museu Lasar Segall*.
- Secretaria Municipal de Cultura. (1985). *Revista Pirituba 100 anos*.
- Segall, L. (1993). Arte Infantil e Compreensão da Arte. In: *Textos, depoimentos e exposições*. Museu Lasar Segall (org). São Paulo, pp. 75-6.
- Sempla-Secretaria Municipal de Planejamento. (1995). *Dossiê São Paulo*.
- Silva, S. M.C. (1994). *Condições Sociais da Constituição do Desenho*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Spadoni, S. (19961). Il senso dello spazio e la sua rappresentazione grafica nel disegno infantile. *Infanzia*. 9/10, maio-junho, pp. 9-18.
- Stolcke, V. (1986). Mulheres e Trabalho. *Novos Estudos CEBRAP* n. 26, pp. 83-115.
- Telles, V. S. (1988). Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos. In: L. Kowarick (org). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo: Paz e Terra, pp. 247-87.
- Wildlocher, D. (1971). *Interpretação dos desenhos*. São Paulo: Editora Vozes.
- Woortmann, K. (1982). Casa e Família Operária. In: *Anuário Antropológico* 80. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 119-49.
- \_\_\_\_\_. (1984). A comida, a família e a construção do gênero feminino. In: GT Família e Sociedade, "ANPOCS – Encontro Anual", Águas de São Pedro, SP.
- Zaluar, A. (1982). As Mulheres e a Direção do Consumo Doméstico, estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas. In: M. S. K. Almeida (org). *Colcha de Retalhos*. São Paulo: Editora Brasiliense, pp. 160-83.